

DESAFIANDO AS INFINDÁVEIS VEREDAS

Jociele Fernanda R. Marino^{*}
Rita Felix Fortes^{**}

RESUMO: Durante a década de 70, Silviano Santiago, vivendo nos Estados Unidos, antecipa as novas tendências literárias com o ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano” (SANTIAGO, 2000), no qual, estabelece uma relação antropofágica que transforma um leitor, devorador de livros, em escritor. Entretanto, o que se pretende aclarar, através deste artigo, é a extraordinária capacidade de Guimarães Rosa em “prever” tais tendências, pois, escrevendo “Grande sertão: veredas”, quase quinze anos antes do livro de Silviano Santiago, consegue situá-lo em um patamar literário até então desconhecido para a literatura brasileira e, porque não, latino-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Grande sertão: veredas; o caminho do meio; novas veredas; “O entre-lugar do discurso latino-americano”

RESUMEN: Durante la década de 70, Silviano Santiago, viviendo en Estados Unidos, preve las nuevas tendencias literarias con el ensayo “O entre-lugar do discurso latino-americano” (SANTIAGO, 2000), en el cual, establece una relación antropofágica que vuelve un lector, devorador de libros, en escritor. Sin embargo, lo que se quiere aclarar, a través de este estudio, es la extraordinaria capacidad de Guimarães Rosa en “prever” tales tendencias. Pues, escribiendo “Grande sertão: veredas”, casi quince años antes de la teoría de Santiago, consigue ubicarlo en un nivel literario hasta entonces desconocido para la literatura brasileña y, porque no, latinoamericana.

PALABRAS CLAVE: Grande sertão: veredas; el camino del medio; nuevas veredas: “O entre-lugar do discurso latino-americano”

João Guimarães Rosa, mineiro de Cordisburgo, viveu 59 anos e em 1967, ano de seu falecimento, já havia alcançado a maturidade literária e deixado um clássico universal: *Grande sertão: veredas*. Como bem descreve Calvino (2007, p.12):

O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência. De tudo isso poderíamos derivar uma definição do tipo: *Os clássicos são livros que,*

^{*} Aluna do curso de pós-graduação *stricto sensu* nível de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* de Cascavel.

^{**} Professora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* Marechal Cândido Rondon – e professora do programa pós-graduação *stricto sensu* nível de mestrado e doutorado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.

Balbuena, na obra *Poe e Rosa à luz da cabala*, aproxima *Grande sertão: veredas* de uma sabedoria divina, afirmando que Guimarães Rosa:

Usando o sertão como cenário e explorando seus tipos característicos como personagens de sua obra, [...] logrou, contudo, diferenciar-se dos regionalistas brasileiros. Distanciando-se do idealismo dos românticos, e mesmo da valorização do folclórico e do pitoresco, aproximava-se dos regionalistas ao apresentar uma visão crítica da realidade social, mas foi além de seus limites ao eleger o próprio homem, em vez da paisagem, como eixo de seu universo ficcional. [...] Linguagem e tema, forma e conteúdo, *signans* e *signatum* (como diria Jakobson) caminham lado a lado, numa comunhão que extingue qualquer artificialismo ou superficialidade. (BALBUENA, 1994, p. 73)

Dedicando suas narrativas ao homem do sertão, em um período de urbanização e industrialização do Brasil, Rosa fugiu ao padrão da época e extrapolou os limites geográficos brasileiros, criando uma obra que nem mesmo os movimentos literários ajudariam a entender. “Falar a própria vida constitui a matéria narrativa, mas as dificuldades do viver e do narrar [...] criam um texto ambíguo, tão enigmático quanto a vida, onde tudo é e não é, simultaneamente” (BRAIT, 1988, p.71).

Guimarães Rosa mostrou a realidade do interior de Minas, explorando a geografia, a economia, a sociedade e a cultura, mas, nem por isso, fez de sua ficção um documentário.

Ao contrário, aproveitou dados colhidos num verdadeiro “trabalho de campo” para elaborar mitos universais, propondo um amplo questionamento sobre a experiência humana. Porque para ele “O sertão é o mundo”, Rosa, por intermédio do homem do sertão, trabalhava a essência do Homem; em seu microcosmo interiorano, encontrava todo material filosófico, simbólico e afetivo para tratar do macrocosmo, a realidade do mundo. Partindo do sertão, Rosa extrapolou seus limites até falar da vida, da travessia e do aprendizado humanos, com indagações filosóficas e preocupações espirituais. (BALBUENA, 1994, p. 74-5)

Assim como Cervantes eternizou a região *de la Mancha*, Rosa universalizou e eternizou o sertão, transformando em lenda o ambiente que o rodeava. Segundo “Franklin de Oliveira, Rosa teria ainda escolhido o sertão para cenário de suas histórias ‘porque o sertão lhe pareceu o único espaço do mundo moderno em que a vida não é impessoal’” (BALBUENA,

1994, p. 74-5).

No verbete *Sertão*, do *Dicionário de Figuras e Mitos literários das Américas*, Francis Utéza afirma que *Grande sertão: veredas* pode ser lido como as andanças de bandos de jagunços, nos anos de 1920 e 1930, recheadas com atrativos romanescos. E completa, alegando que:

além dessa intriga romântica regionalista, o essencial reside na interrogação permanente do narrador sobre as motivações profundas que determinavam seus atos numa travessia do sertão marcada por estranhos encontros. (UTÉZA *apud* BERND, 2007, p.590)

Dessa forma, falar do sertão implicava falar do sertanejo, que não fora escolhido apenas pelo uso de uma linguagem aberta, não normativa, “mas também porque o sertanejo em si é, aos olhos de Rosa, um homem dialético, que vive seus paradoxos com naturalidade e alegria, tentando ‘explicar diariamente todos os segredos do mundo’” (BALBUENA, 1994, p. 76).

De acordo com Euclides da Cunha, o sertanejo é a “rocha viva da nossa nacionalidade” (CUNHA *apud* BERND, 2007, p. 583), aquele que vive no sertão, longe da costa e que pode ser identificado como: conselheirista, jagunço, matuto, cabra, tabaréu e mestiço.

A linguagem, também, bastante significativa na obra, mostra, através da busca de um renovamento sintático com inversões de frases e inovações de pontuação, que:

Rosa tentou criar “a língua do homem de amanhã”, para tanto acrescentando ao estrato básico toda uma série de elementos como, por exemplo, o português medieval, várias línguas estrangeiras e certas espécies de “dialetos” com origem nas ciências modernas. Neste último ponto ele se mostra em sintonia com o seu tempo histórico, acompanhando, como homem do século XX, as evoluções da linguagem. (BALBUENA, 1994, p. 76)

Silviano Santiago, em 1971, no ensaio intitulado *O entre-lugar do discurso latino-americano*, discorre sobre o espaço que a literatura latino-americana estaria ocupando a partir de meados do século XX. Para ele:

A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo. (SANTIAGO, 2000, p. 16)

A partir das características supracitadas da obra roseana, poder-se-ia dizer que Guimarães Rosa conseguiu estabelecer-se neste “entre-lugar”

que viria a ser descrito quase quinze anos depois da publicação de *Grande sertão: veredas*. Seria uma espécie de “premonição” literária, tendo em vista que Rosa se adiantaria, inovando a forma de narrar latino-americana. A alteridade ao modelo e a fuga à cópia, avessas a impossibilidade do inédito levou-o ao “caminho do meio” (BERND, 2001), a este espaço até então desconhecido. Para Bernd (2001, p. 12), o *caminho do meio* é:

batizado por obras de arte que, independentemente do suporte utilizado, ultrapassam as fronteiras do regionalismo e sugerem a existência de um complexo primordial oculto e universal nas profundezas do espírito do homem.

E, “na procura desse caminho por onde se poderia atingir a realidade absoluta, a viagem constitui uma metáfora emblemática” (BERND, 2001, p. 138), que, de acordo com Mircea Eliade, seria um caminho cheio de perigos e equivalente a:

um rito de passagem do profano ao sagrado, do efêmero e do ilusório à realidade e à eternidade; da morte à vida; do homem à divindade. O acesso ao centro corresponde a uma consagração, a uma iniciação; a uma existência ontem profana e ilusória, sucede agora uma nova existência real, duradoura e eficaz. (ELIADE *apud* BERND, 2001, p. 138-9)

Na impossibilidade da literatura latino-americana alcançar o “centro”, a excelência, a alteridade:

Segue, portanto à procura do caminho do meio, apontando para a inacessível síntese entre elementos procedentes de horizontes históricos e geográficos múltiplos, numa ficção propositadamente ambígua, isto é, cujo sentido não pode ser fixado pela escrita, devendo ser incansavelmente conquistado sem descartar a oralidade essencial da palavra da noite¹. (BERND, 2001, p. 142)

Perrone-Moisés, na obra *Flores da Escrivantina*, descreve o fato das literaturas americanas já nascerem devedoras, pois surgiram em línguas que não lhes eram próprias, línguas que já detinham certa tradição e literatura:

E, como de fato fomos colônias, nascemos devedores das fontes e condenados às influências. A filiação evidente e inegável e a dívida decorrente (nossa “dívida externa” cultural) tendem a gerar, mais do

¹ Nesta linha de restauração do equilíbrio [...] patenteia a palavra da noite, não com o intuito de suplantá-la, mas de instaurar o dialogismo e a polifonia. (BERND, 2001, p. 138)

que a veneração, o rancor e a ânsia de independência. Ora, a ânsia de independência, legítima em termos histórico-políticos, é uma veleidade provinciana quando se trata de cultura e de arte. Nenhuma independência nacional é possível ou desejável nesse terreno. Mas, com uma certa originalidade nacional, esta sim, é possível, desejável, realizável e realizada a partir de certo momento em nossas culturas americanas, precisamos encontrar uma concepção da tradição literária que nos liberte tanto do rancor da dívida quanto da veleidade da auto-suficiência. (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 98)

Sob esta perspectiva, a ânsia pela independência foi inevitável, mas a originalidade não se concretizou plenamente, pois a língua permaneceria alóctone. Desse equilíbrio entre aquilo que é influência europeia e aquilo que é originalidade nacional surgiu o “entre-lugar”, o “caminho do meio”, ou seja, aquilo que não é cópia, mas também não consegue ser inédito. Como afirma Rosenfield (2008, p. 33):

Nossos demônios sempre são herdados dos outros. Por isso, Riobaldo, quando ruma em torno de Deus e do demo, chega à conclusão que tudo “é e não é”. É nesse ponto que incide a grande inovação de G. Rosa. Ele encontrou um modo de rodear as questões delicadas suspensas - e nunca resolvidas - entre o passado e o futuro [...] Ele soube falar como ninguém da banalidade do mal - do mal dos outros, mas do qual, sem sabermos como, participamos. E esses males, nós os perpetuamos, por mais que fuçamos deles. A gente empurra o sertão para frente, mas ele retorna e nos pega pelos flancos... Rosa fala no fio da navalha onde os males tipicamente brasileiros - a ambigüidade dos jeitinhos, as cordialidades que encobrem violências atrozés - refletem os males universais, gregos, austríacos e todos os demais.

Ainda no ensaio *O entre-lugar do discurso latino-americano*, Santiago discorre sobre textos legíveis e textos escrevíveis. *Grande sertão: veredas* é tão complexo e extraordinário que enquadrar-se-ia tanto como texto legível quanto como texto escrevível:

O texto legível é o que pode ser lido, mas não escrito, não reescrito, é o texto clássico por excelência, o que convida o leitor a permanecer no interior de seu fechamento. Os outros textos, os escrevíveis apresentam ao contrário um modelo produtor (e não representacional) que excita o leitor a abandonar sua posição tranqüila de consumidor e a se aventurar como produtor de textos [...]. Portanto, a leitura em lugar de tranqüilizar o leitor, de garantir seu lugar de cliente pagante na sociedade burguesa, o desperta, transforma-o, radicaliza-o e serve finalmente para acelerar o processo de expressão da própria experiência. Em outros termos, ela o convida à práxis. (SANTIAGO, 2000, p. 19-20)

Seria legível, pelo fato de que pode ser lido, mas jamais será reescrito, copiado ou transformado, enquanto obra mestra da literatura brasileira. Em sua narrativa, o leitor permanece enredado na eterna discussão da condição do homem e na sua relação com o “sertão” – leia-se mundo, já que “o sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 2006, p. 73). Entretanto, seria escrevível, pois convidando à práxis e ao processo antropofágico da literatura, conduziria o leitor mais atento e sagaz à aventura da produção e do desvelamento de novas veredas.

Segundo Perrone-Moisés (2006, p. 95), a Antropofagia cultural proposta por Oswald de Andrade “é antes de tudo o desejo do Outro, a abertura e a receptividade para o alheio, desembocando na devoração e na absorção da alteridade”. Tal devoração estaria amparada na criticidade metafórica da Antropofagia, pois os índios não devorariam qualquer um, de qualquer modo, mas apenas aqueles que apresentassem determinadas qualidades desejáveis de serem adquiridas pelo devorador.

Esta é a metáfora do escritor/leitor latino-americano contemporâneo, que, antes de escrever, lê e absorve aquilo que lhe é conveniente. Já que “a literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 94). Ou seja, a literatura nasce daquilo que foi absorvido no processo da antropofagia.

Transitando continuamente do legível para o escrevível e vice-versa, Rosa faz com que se desgastem os significados puros conceituais e, ao mesmo tempo, se revitalize a palavra, recobrando sua expressividade originária, como afirma Eduardo Coutinho:

O processo de evolução da linguagem tem demonstrado que as palavras começam sendo poéticas, e acabam como puros conceitos. Quando os significados poéticos das palavras, após serem revelados pelos artistas, entram no âmbito da linguagem corrente, eles se desgastam com o uso e tornam-se puros significados conceituais. A missão do poeta é, então, revitalizar a palavra, fazê-la recobrar a sua expressividade originária. E, para realizá-lo, o escritor tem de procurar chamar a atenção do leitor para o “significante”, o que pode ser feito de muitas maneiras diferentes. Dois dos processos mais comuns utilizados por Guimarães Rosa são: alterar o “significante” e criar um neologismo, e associar o “significante” a uma série de outros, de modo a fazê-lo funcionar como uma espécie de *leitmotiv*. (COUTINHO, 1983, p. 204).

Além do processo de evolução da linguagem descrito por Coutinho, da recriação do vocabulário e do rejuvenescimento das expressões, cabe acrescentar, de acordo com Bernardo Gersen:

a desintegração da sintaxe tradicional (inversões ousadas, pontuação que rompe a estrutura da frase etc.), tornando às vezes o sentido da frase equívoco. [...] Só então se terá idéia da subversão radical operada na linguagem pelo Sr. Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*. (in COUTINHO, p. 354).

Partindo do pressuposto de que existem possibilidades infindáveis de análise para obras como *Grande sertão: veredas*, estabeleceu-se como teoria os estudos de Silviano Santiago sobre o “entre-lugar” e os de Zilá Bernd sobre o “caminho do meio”. Pois, como afirma Hanciau (2005, p. 3) “o desejo de releitura dos tradicionais espaços de enunciação [...] fez com que fossem criados esses novos espaços, que, misturados às virtualidades globais e às regionalidades enunciativas, atendem ao apelo de instâncias subjetivas dos discursos em circulação”.

No segundo capítulo da obra *O caminho do meio*, Zilá Bernd (2001), analisando o romance *Sargento Getúlio*, compara o modo de narrar de João Ubaldo Ribeiro ao de João Guimarães Rosa:

trata-se de uma escritura do entre-dois, da hibridização, da renúncia a ter que escolher entre duas filiações, aceitando ambas e propondo uma terceira via, a de uma literatura que faz da impureza e da contaminação a pedra angular de sua arquitetura romanesca. Feito só comparável ao de outro João, o Guimarães Rosa. Trata-se de um estilo criouliizado, pois inscreve em montagem erudita os falares populares do sertão brasileiro, numa surpreendente alquimia que vai constituir-se no grande desafio dos tradutores. O que se pode constatar, portanto [...] é que, sua obra está, ao mesmo tempo profundamente enraizada em dois imaginários: no imaginário mágico do sertão, com uma linguagem que é pura recriação da fala dos iletrados, e no imaginário da cultura clássica ocidental, do qual reproduz os grandes arquétipos universais. [...] Tudo isso para provar o que já afirmara Guimarães Rosa que só existe mesmo é “homem humano”. (BERND, 2001, p. 22-3)

Um dos arquétipos universais mencionados por Bernd é a donzela-guerreira que, “na maioria das vezes, abdica de sua sexualidade para viver no universo masculino e tomar, frequentemente, o lugar de seu pai” (BERND, 2007, p. 224). Em *Grande sertão: veredas* Diadorim, indiscutivelmente, é um exemplo modelar da donzela guerreira.

Francis Utéza (*apud* BERND, 2007, p. 590) descreve, ainda, outros “estranhos encontros” na narrativa roseana, começando por Zé Bebelo, encarnando primeiro o Belzebu da Babilônia, depois, Zorobabel entre os hebreus e, por fim, como não consegue conduzir seus filhos à Terra Prometida, cede o poder a Riobaldo, como Moisés a Josué, no durante o êxodo. Além disso, o pacto satânico teria ocorrido no dia de São João

Batista, fazendo com que Riobaldo recebesse a alcunha de urutu-branco.

Dessa maneira, foi proposta uma caracterização de *Grande sertão: veredas* dentro deste espaço intermitente da literatura latino-americana, sem jamais esquecer que nenhum estudo levará ao esgotamento da obra. Para tanto:

Em vez de *descrever e compreender*, que implicam uma atitude passiva do crítico diante de um objeto acabado e imóvel, proporíamos hoje uma desmontagem ativa dos elementos da obra, para detectar processos de produção e possibilidades variadas de recepção. A obra literária não como um fato consumado e imóvel, mas como algo em movimento; porque ela traz inscritas em si as marcas de sua gênese, dos diálogos, adsorções e transformações que presidiram o seu nascimento; e porque a recepção está constantemente transformando a leitura desses processos. (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 97)

Grande sertão: veredas é uma narrativa na qual se fundem a experiência de vida e a experiência de texto, criando uma obra fascinante, que, por consequência mantém sua interpretação em aberto, desafiando os leitores constantemente.

Neste sentido, objetivou-se uma discussão que perpassasse a teoria de Silviano Santiago e as posteriores contribuições feitas por Zilá Bernd, no sentido de caracterizar a obra *Grande sertão: veredas* dentro do entre-lugar, mas ao mesmo tempo libertá-la para toda e qualquer análise a posteriori, tendo em vista que, a cada nova leitura, novas veredas são descobertas nessa obra-prima da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

BALBUENA, Monique Rodrigues. *Poe e Rosa à luz da cabala*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.

BERND, Zilá (Org.). *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*: DFMLA. Porto Alegre: Tomo Editorial/Editora da Universidade, 2007.

BERND, Zilá; UTÉZA, Francis. *O caminho do meio*; uma leitura da obra de João Ubaldo Ribeiro. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2001.

BRAIT, Beth. *Guimarães Rosa*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988 (Literatura Comentada).

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COUTINHO, Eduardo de Faria. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: INL, 1983. Coleção Fortuna Crítica, v. 6.

- HANCIAU, Nubia Jacques. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 125-141.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da Escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006 (Biblioteca do estudante).
- ROSENFELD, Kathrin H. *O humor doce de J. G. Rosa*. In: Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários, 11: 2008: Marechal Cândido Rondon-PR. *Anais*.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.